



ENTRE / CARNAVAL

www.correio24horas.com.br



A maior festa de rua do mundo se sustenta em uma gigantesca cadeia que vai do catador de latinhas ao mais rico artista. Os prejuízos causados pela suspensão do Carnaval de Salvador devido à pandemia do novo coronavírus têm um enorme impacto econômico e social. Tomando como base o ano passado, a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secult) e a Empresa Salvador Turismo (Saltur) estimam que a movimentação econômica ligada à folia pudesse chegar a R\$ 1,8 bilhão em 2021.

O CORREIO ouviu a maior parte dos envolvidos nessa indústria de fazer emprego, renda e alegria. Entre desolação e desespero, a única certeza é de que o Carnaval não é só uma festa, mas representa a sobrevivência de milhares de famílias. Isso porque o período congrega uma rede de setores que movimenta desde empresas de bebidas a fábricas de purpurina. O folião, seja lá de onde ele venha, é um consumidor ativo que compra no ambulante, utiliza meios de transporte, adquire abadás de blocos, frequenta camarotes e usa fantasias e acessórios.

Em torno disso estão costureiras de fábricas, cordeiros e seguradoras, músicos e roadies das bandas, donos de imóveis alugados nos circuitos, barraqueiros, motoristas de trio, empresas de banheiro químico. Segundo estimativa da Saltur, cerca de 250 mil pessoas conquistam postos de trabalho – a maioria informal e temporária. Agora imagine tudo isso parado.

Boa parte dessa cadeia é alimentada por visitantes. Segundo pesquisa realizada pela Prefeitura de Salvador, cada turista nacional chega a desembolsar durante o Carnaval R\$ 5,1 mil e um estrangeiro, R\$ 3,7 mil. Já os baianos costumam gastar R\$ 1,8 mil na festa. Os dados foram atualizados com base na pesquisa de análise de perfil dos turistas no Carnaval de 2017, com revisão monetária no ano seguinte e com aplicação de um crescimento de 1,7% em 2020.

MOLA MESTRA

Não dá para esquecer que há muito de verba pública investida na folia também. No Carnaval de 2020, o Governo do Estado injetou R\$ 73 milhões em segurança pública, saúde e patrocínio de blocos e artistas. Já a prefeitura investiu R\$ 60 milhões em estrutura e atrações. Aliás, é preciso reconhecer que esses artistas, junto com os produtores e todos que os cercam, são a mola metra dessa cadeia. Sem eles, não há público e todo o resto.

Com toda essa categoria sem trabalhar nos dias de folia, a Associação Brasileira de Produtores de Eventos da Bahia (Abrape-BA) diz que a indústria do entretenimento entrou em

PREJUÍZO BILIONÁRIO COM IMPACTO SOCIAL

Pandemia Sem Carnaval, R\$ 1,8 bi deixam de circular em Salvador e 250 mil vagas de trabalho são suspensas

“São milhares de pessoas que precisam desses eventos. O Carnaval é só o fechamento de tudo. Pessoas estão passando fome”
Marcelo Britto

Presidente da Associação de Produtores de Eventos da Bahia

“Um conjunto de atividades precisa de apoio. Da mesma forma que tem que ser feito para trade turístico, camarotes e blocos, tem que cuidar também do lado mais fraco da corda: costureiras, cordeiros, todos sem trabalho”
Paulo Miguez

Economista e pesquisador do Carnaval

colapso. Mais de R\$ 300 milhões deixarão de circular nas produções diretamente ligadas ao Carnaval. Fora ensaios, lavagens, Réveillon e festas de folga que antecedem a festa mor.

“É uma cadeia de centenas de fornecedores, de som, de luz, de trios elétricos e de pessoas que trabalham para eles”, diz Marcelo Britto, presidente da Abrape e um dos sócios da Salvador Produções, que empresaria artistas como Léo Santana, Parangolé e realiza o Bloco Nana Banana.

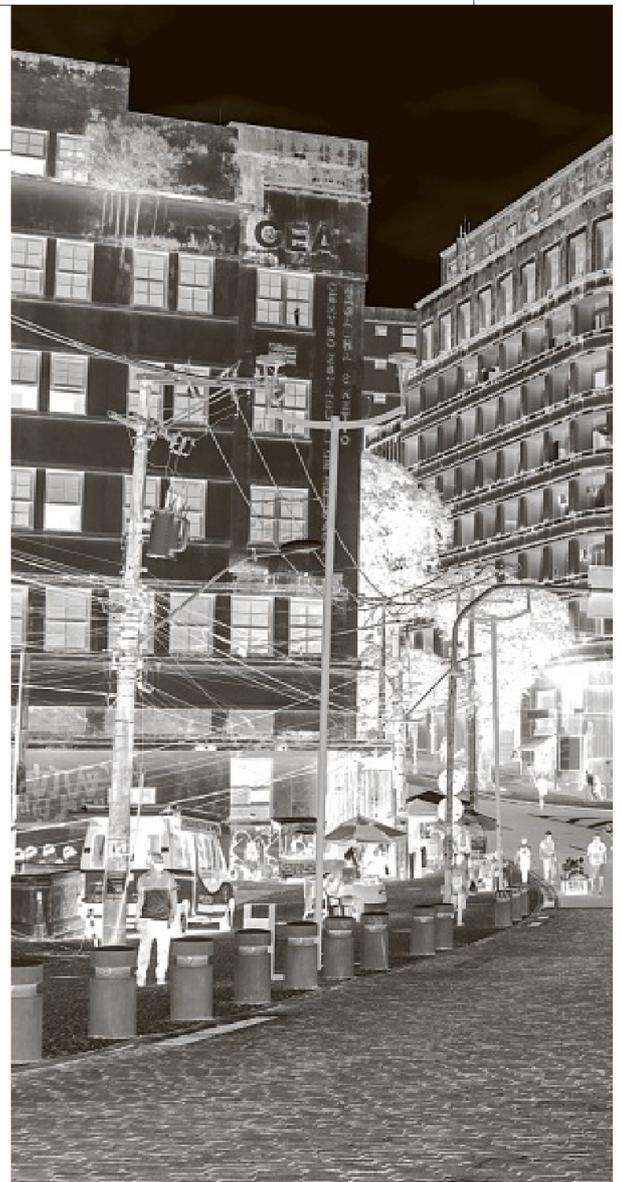
Mas, bom lembrar, a cadeia é muito mais ampla. “Começa no táxi no aeroporto. Dali o turista já vai comer um acarajé em Itapuã e segue para o hotel para pegar o abadá”. Aliás, em períodos de Carnaval, a taxa de ocupação nos hotéis vai a 95% em Salvador, chegando a 97% nos estabelecimentos próximos aos circuitos.

Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH), o faturamento das acomodações hoteleiras de Salvador no Carnaval de 2020 foi de R\$ 150 milhões. Sem o Carnaval, este montante terá redução de 80%.

“Carnaval é como um 13º dos hotéis porque é justamente nesta época que o setor acumula rendimentos para conseguir enfrentar os períodos de baixa estação”, afirma Luciano Lopes, presidente da ABIH. É quase a mesma realidade dos bares e restaurantes. Os dados da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel Bahia) mostram que a queda no faturamento pode chegar até 70% em relação ao mesmo período do ano passado.

PIB DA FESTA

O Conselho Regional de Economia da Bahia (Corecon) tem números um pouco abaixo da estimativa da prefeitura – ao transportar dados de um estudo metodológico realizado em 2007 para o ano de 2018, o



Um dos epicentros da tradição carnavalesca: Praça Castro Alves, um dos pontos disputados por 20 mil ambulantes que trabalham na festa

economista Gustavo Pessoti chegou à quantia de R\$ 1,5 bilhão de circulação monetária durante a festa em Salvador.

Ex-diretor de Indicadores e Estatísticas da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) e atual vice-presidente do Corecon, Pessoti analisou os perfis da população na festa com base na Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) da SEI. O Carnaval seria dividido em quatro grandes grupos: os que não brincam na folia e ficam em Salvador (e aproveitam o feriado para consumir), a população anti-Carnaval (que viaja), as pessoas que trabalham no Carnaval (5% da população de Salvador) e as pessoas que brincam.

As perdas financeiras da não realização do Carnaval (R\$ 1,5 bi em 2018) não podem ser chamadas de PIB do Carnaval, que seria o quanto a festa adicionaria de valor na economia. O cálculo dá conta da circulação monetária, ou seja, leva em consideração tudo o que circula em todas as atividades econômicas relacionadas ao Carnaval. Mas, só a título de comparação, o economista buscou o valor do PIB de todos os 417 municípios da Bahia no ano de 2018 – apenas 31 cidades superaram R\$ 1,5 bi.

Outra comparação: o PIB de Salvador em 2018 foi pouco mais de R\$ 63 bilhões. O Carnaval daquele ano, portanto, seria 1,9% do PIB da capital baiana. Parece pouco, mas o curto espaço de tempo revela a importância do Carnaval para a economia. “Isso é gerado em uma semana ou 10 dias. Várias cidades importantes da Bahia têm o PIB menor”.

Doutor em Comunicação e Cultura e um dos maiores pesquisadores da indústria do Carnaval, o economista Paulo Miguez diz que, nas últimas três décadas, a festa produziu uma economia com múltiplos mercados. “São milhares e milhares de pessoas envolvidas. Por isso, o que se chama de PIB da festa é absolutamente sig-





Alexandre Lyrio

texto
alexandre.lyrio@
redabahia.com.br



Nara Gentil

foto
nara.gentil@
redabahia.com.br

de confirmação e acreditamos que tudo só será fechado mesmo pós-vacina", garante Maria.

BLOCOS

Presidente da Associação de Blocos Alternativos da Barra e uma das coordenadoras do Conselho Municipal do Carnaval (Comcar), Márcia Mamede diz que os blocos de Carnaval tiveram uma perda de receita "incalculável". Ela não fala em prejuízos porque sequer houve investimentos em trios, artistas e etc. "É uma receita que eu deixo de ganhar. Teria prejuízo se eu tivesse investido em algo para colocar o bloco na rua, mas ao mesmo tempo quantas pessoas eu vou deixar de contratar?".

PERDA TOTAL

A Central do Carnaval, empresa que reúne 30 das entidades mais representativas do Carnaval de Salvador, calcula que, entre blocos e camarotes, os prejuízos podem ficar entre R\$ 80 milhões e R\$ 100 milhões. Isso só a Central. Se contar as mais de 200 entidades carnavalescas, esse prejuízo possivelmente dobra, ou seja, chega perto dos R\$ 200 milhões. "Nosso negócio é perda total! Não tem alternativa", lamenta Tinho Albuquerque, sócio da Central.

"Nosso negócio", no caso, é a venda de abadás. E elas esgotaram desde que a pandemia mostrou que iria se prolongar. Tinho explica que os foliões que pagaram por abadás de blocos e camarotes para o Carnaval 2021 tiveram a possibilidade de receber o dinheiro de volta. "Mas muita gente preferiu já deixar pago o Carnaval de 2022". Foi o que fez o paraibano Pedro Nonato da Silva, que gastou R\$ 1,6 mil em abadás, um deles do Camaleão. Pedro só não conseguiu ainda remarcar as passagens aéreas. Ele parece sentir mais a falta do Carnaval do que do próprio dinheiro. "Estou sentindo uma sensação de que estará faltando alguma coisa no mês que está por vir".

A única ação da Central do Carnaval este ano vai ser a live de Bell Marques, espécie de artista oficial da Central. No dia 14 de fevereiro, domingo de Carnaval, no mesmo horário em que o Camaleão sairia do Farol da Barra em direção à Ondina, Bell vai fazer uma transmissão ao vivo pelas redes sociais e Youtube diretamente do Forte de São Marcelo. "O que nós estamos captando de patrocínio da live é basicamente para cobrir os custos de operação", explica.

Abatido com o cancelamento da festa, Tinho lembra que o Carnaval envolve boa parte da população, inclusive os que não gostam de Carnaval. "Os blocos e camarotes são só a ponta do iceberg. A dimensão econômica do Carnaval é gigantesca. São milhares de famílias prejudicadas. E você não vai recuperar isso nunca. Esse dinheiro não vai voltar".

CORDEIROS E AMBULANTES PEDEM SOCORRO

Como se sabe, a corda sempre arrebenta do lado mais fraco. No caso do Carnaval de Salvador, essa máxima é quase literal. Isso porque, ao lado dos ambulantes, os cordeiros dos blocos esse ano não vão ter o dinheiro extra que faz toda a diferença no sustento em casa. No caso dos ambulantes, os ganhos com as festas populares e o Carnaval acabam sendo o sustento do resto do ano inteiro, explica Raílda Nascimento de Carvalho, presidente da Associação de Barraqueiros de Festas Populares do Estado da Bahia (Abfest), que também é presidente da Associação de Ambulantes.

Segundo Raílda, que tem uma cadeira no Conselho Municipal do Carnaval (Comcar), os ambulantes e barraqueiros representam 75% da economia de bebidas e alimentos do Carnaval. São quase 20 mil ambulantes nas ruas, calcula, sendo que 5 mil são credenciados. Além deles, há 540 barraqueiros trabalhando não só durante o Carnaval, mas também em micaretas de interior, festas populares e lavagens. Já os cordeiros são cerca de 15 mil durante a folia. "A cadeia de emprego temporário informal foi pega com as calças na mão. O sentimento é de desespero", afirma Matias Santos, presidente do Sindicato dos Cordeiros da Bahia (Sindicorda).

Um cordeiro recebe R\$ 52 de diária no Carnaval, diz Matias. "Pode parecer pouco, mas é um dinheiro extra que todos esperam o ano inteiro". Os ambulantes e barraqueiros faturam mais e, por isso, muitos vivem ao longo de meses graças aos isopores e estruturas que montam nas festas populares, lavagens e portas de ensaios. No Carnaval, um ambulante chega a ganhar R\$ 4 mil e um barraqueiro R\$ 10 mil. Este ano, desde a festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia, que em dezembro abre o ciclo de festas populares até o Carnaval, ninguém fatura nada.

A Secretaria Municipal da Ordem Pública (Semop) informou que os 5 mil ambulantes e barraqueiros credenciados estão recebendo auxílio de R\$ 270 da prefeitura.

O Sindicorda tenta fazer algumas ações para minimizar a situação precária de alguns associados. "Estamos tentando distribuir cestas básicas para as famílias". Matias diz que os blocos não têm muito o que fazer para ajudá-los. "A gente não tem o que pedir ao bloco. É uma cadeia econômica. O bloco precisa dos patrocinadores e associados. O que vou cobrar deles?".

nificativo para a vida econômica da cidade", confirma Miguez, que cobra das autoridades políticas que mantenham vivos esses setores.

Miguez chama a atenção para a necessidade de se criar ferramentas de financiamento para todos da cadeia, começando pelos mais fracos. "Se, por exemplo, o setor agropecuário tem financiamentos e benefícios fiscais para compensar colheitas ruins, a economia da festa também precisa de ferramentas dessa natureza", compara o mestre em Administração.

IMÓVEIS

O Carnaval mexe com os mais diversos mercados. O imobiliário, por exemplo, está vendo os aluguéis de imóveis por temporada amargar uma queda drástica - cerca de 500 casas e apartamentos deixarão de ser alugados, um prejuízo de R\$ 2,5 milhões. Os dados são do Conselho Regional de Corretores de Imóveis (Creci-BA). Em média, cada imóvel é alugado por R\$ 5 mil. Muitos deles continuam com as placas de "aluga-se temporada" ou "aluga-se Carnaval" nas janelas. "O faturamento aumentava muito. Muito proprietário alugava apenas durante o Carnaval e ficava o resto do ano pagando o condomínio e o IPTU", explica José Alberto de Vasconcelos, diretor do Creci-BA.

Logo após o Carnaval 2020, a paulista Maria Queiroga, que passa o Carnaval em Salvador há 15 anos, iniciou as negociações para o aluguel de um imóvel na Orla da Barra. "Veio a pandemia e todo planejamento foi suspenso. Algumas pessoas já haviam iniciado os pagamentos da estadia e a compra de abadás", conta Maria. Segundo o proprietário do imóvel, o baiano Luís Magno, o valor do aluguel sai por R\$ 30 mil.

"Algo no Carnaval há mais de 20 anos", ressigna-se Luís, que devolveu o dinheiro a quem tinha pago. Mas, as tratativas para 2022 já estão adiantadas. "Já alugamos para 2022 com a pendência

854 MIL

Turistas vieram a Salvador no último Carnaval - 435,8 mil do interior da Bahia, 331,5 mil de outros estados e 86,2 mil eram estrangeiros

1,8 BILHÃO

De reais Estimativa de movimentação econômica ligada à folia em 2021, segundo cálculos da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secult) e a Empresa Salvador Turismo (Saltur)

95%

Taxa de ocupação dos hotéis em períodos de Carnaval em Salvador, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH). Faturamento da rede hoteleira da capital baiana no Carnaval de 2020 foi de R\$ 150 milhões

